

A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA DISCUSSÃO DA PSICOLOGIA CRÍTICA

VIOLENCE IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A DISCUSSION OF CRITICAL PSYCHOLOGY

Cristiano da Silveira Longo¹
Barbara Bergamaschi Seco²
Hayanna Alves Motta³
Natália Ramos Shiromoto⁴
Suéllen Soares Altrão⁵

Resumo

A escola na contemporaneidade tem sido palco de vários atos violentos em decorrência da fragilidade e superficialidade das relações. Em uma sociedade que tem estimulado a competitividade e o distanciamento afetivo entre os sujeitos, o descaso torna-se evidente nas depredações da instituição e se exteriorizam para ações violentas e agressivas entre os indivíduos que a compõem. Neste artigo, buscou-se realizar um levantamento bibliográfico acerca do fenômeno da violência, com foco no ambiente escolar, a partir da perspectiva social histórico-crítica de Vygotsky. Com base na literatura pesquisada, foi possível concluir que é imprescindível que se estabeleça, no ambiente escolar, relações e mediações saudáveis, de forma que permita a expressividade e independência do aluno. Além disso, a prevenção à violência é necessária em todos os níveis, por isso torna-se importante o papel da psicologia neste contexto.

Palavras-chave: psicologia crítica. psicologia escolar. violência escolar.

Abstract

The school in contemporary times has been the scene of several violent acts due to frailty and superficiality of relations. In a society that has stimulated competitiveness and affective distance between the subject, the neglect is evident in the depredations of the institution and outwards into violent and aggressive actions between individuals who compose it. In this article, we sought to conduct a literature on the phenomenon of violence, focusing on the school environment, from the historical-critical social perspective of Vygotsky. Based on the reviewed literature, it was concluded that it is essential to establish, in the school environment, healthy relationships and mediations in order to allow the expressiveness and independence of the student. Moreover, the

¹ Professor Doutor Adjunto da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: cristianoLongo@ufgd.edu.br

² Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados.

³ Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados.

⁴ Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados.

⁵ Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados.

violence prevention is needed at all levels, so it is important the role of psychology in this context.

Key-words: critical psychology. school psychology. school violence.

INTRODUÇÃO

A escolarização das crianças e dos jovens, na sociedade atual, é considerada de extrema importância para a construção de um futuro melhor para o país. Pode ser considerado um pensamento quase dogmático a ideia de que a educação é a fonte para uma sociedade mais justa, bem como para o desenvolvimento do país. E é realmente isso que deveria ser. No entanto, isso não passa realmente de um sonho que é cultivado pelos governantes, porém que nada fazem para que isso ocorra. Ideologia. Se os cidadãos recebessem a instrução de que precisam, com uma educação de qualidade, não haveria mais classe dominada, e não é isso o que os dominantes querem. Por isso a escola pública se mantém num patamar abaixo do necessário por tanto tempo, para que continue produzindo mão-de-obra para a classe dominante.

Apesar disso, a escolarização como deve ser, possui um grande valor para os jovens conhecerem sua cultura e vivenciarem diversas experiências, auxiliando na constituição de sua identidade. Rego (2002) declara que, por esse motivo, “a exclusão, o fracasso e o abandono da escola por parte dos alunos são fatores de extrema gravidade” (p. 48). Segundo a autora, a escola é capaz de deixar marcas definitivas no sujeito, porque os acontecimentos e as vivências ocorridas na trajetória escolar exercem impactos decisivos na formação da singularidade.

Sabemos que não é apenas esse fator (escola) que possibilita a constituição da identidade dos sujeitos, mas sim, de acordo com a psicologia sócio-histórica de Vygotsky – a qual nos detemos neste estudo – é uma multiplicidade de fatores que vai formar a subjetividade do indivíduo, bem como sua vivência em sociedade, em seus grupos de pertencimento, família, entre outros. Ou seja, o indivíduo é formado pela sua história social e cultural. Porém, é à influência da escola a que vamos nos deter, fazendo uma separação entre os fatores apenas para uma explicação didática do assunto.

A psicologia crítica, a qual tomamos como norte para o desenvolvimento deste trabalho, foi influenciada pelo materialismo histórico-dialético, desenvolvido por Marx. A partir deste pressuposto, acredita-se que vivemos em uma sociedade de classes em que a classe dominante está sendo sempre opressora em relação a classe dominada (oprimida). Esta vertente da psicologia centra-se nesta ideia acreditando que os problemas da escola vêm dessa sociedade de classes que não permite que haja a superação das ideologias de que o pobre não aprende, que não tem funções cognitivas suficientes para aprender, que tem família desestruturada, etc. Além disso, acredita-se que os problemas não são centrados no indivíduo, mas sim em todo o contexto ao qual está inserido histórica e socialmente, e principalmente nas técnicas pedagógicas que são utilizadas na escola.

Tanamachi e Meira (2003) fazem referência a Vygotsky, alegando que a aprendizagem gera o desenvolvimento, fugindo da teoria maturacionista presente no imaginário dos professores, de que o aluno não aprende porque não está pronto. Na verdade, são os processos e as técnicas pedagógicas utilizadas pelos professores que devem ser adaptadas ao momento do desenvolvimento no qual o indivíduo está adaptando-se à realidade do aluno, para que a aprendizagem gere o seu desenvolvimento.

O tema central que será tratado no presente trabalho é o da violência no ambiente escolar, tomando como base os pressupostos descritos acima. A violência na escola se apresenta através de brigas entre alunos, agressões verbais, físicas, ameaças, porte de armas, conflitos entre alunos e professores, assim como quando um professor não dá atenção ao aluno ou o agride verbalmente, gerando o fracasso escolar. Para entender a violência na escola, é preciso considerar o contexto escolar, a sua realidade, e verificar se a escola fornece condições para que o aluno se sinta integrado a ela.

Sabemos que a violência pode decorrer de diversos fatores, como será tratado ao longo do trabalho, porém um fato importante a esse respeito é descrito por Cardia (1997 apud NJAINE; MINAYO, 2003) ao relatar que a violência vivida e testemunhada pelos jovens fora da escola, tem reflexo direto e indireto sobre a vida escolar, afetando o desempenho dos estudantes, as

relações entre os alunos e dos alunos com os professores e contribui também para ampliar a violência social. Essa mesma autora aponta a escola tanto como parte do problema quanto como parte da solução. Por isso, destacaremos o papel dos professores e psicólogos escolares na mediação e prevenção desses conflitos na escola, e a importância da escola na promoção de um espaço de diálogo, troca de experiências e desenvolvimento de novas ideias que auxiliem todos os atores do universo escolar.

Faremos referência à violência praticada de várias formas neste contexto: violência psicológica, bullying, violência de aluno para com professor e vice-versa. Para isso, recorreremos à pesquisa bibliográfica de artigos científicos pautados neste tema, apresentando alguns estudos, orientando-nos pela perspectiva crítica da psicologia escolar.

1. OBJETIVO

O objetivo do trabalho consiste em realizar um levantamento bibliográfico acerca do fenômeno da violência, abordando a sua pluralidade bem como focalizando a violência no contexto escolar. Atentando para o papel fundamental que a escola possui na formação do sujeito incluímos também em nossa análise a influência dos docentes nesta formação e a importância do psicólogo escolar nas instituições, auxiliando professores, pais e alunos. O trabalho visa mostrar os vários tipos de violência que ocorrem nas instituições de ensino; como a escola, alunos e família lidam com esse fenômeno, e quais consequências ele acarreta na vida escolar e psíquica dos sujeitos. Buscamos salientar a importância da escola em proporcionar um espaço de diálogo e troca de experiências entre os atores escolares, e um ambiente que viabilize um contexto social significativo aos alunos, para que eles fortaleçam vínculos e criem um sentimento de pertencimento dentro da escola.

2. DISCUSSÃO

2.1 Variações do fenômeno violência

O fenômeno da violência pode ser abordado em diferentes contextos, ou seja, fala-se em vários tipos de violência - doméstica, infantil, contra mulher, trabalho, e também a escolar. De

acordo com Souza e Ristum (2005) a violência é difícil de ser conceitualizada devido a variedade de aplicações citada acima e por ser construída socialmente, ou seja, muitas vezes o que se configura como violência em uma cultura pode não ser em outra.

Ainda dentro do trabalho de Souza e Ristum (2005) a violência pode ser abordada objetiva e subjetivamente, no primeiro caso seriam as contribuições de pesquisas na quebra de mitos, através do levantamento de estatísticas como, por exemplo, as que relacionam a pobreza como causadora da pobreza. Já no segundo caso as autoras defendem a necessidade de considerar todas as visões da violência. De acordo com Silva e Ristum (2010) a violência é um fenômeno crescente que atua direta e indiretamente na sociedade. Porém qualquer que for o caminho escolhido para estudar a violência, Silva e Ristum (2010) defendem a necessidade de contextualizá-la concreta e historicamente.

Silva e Ristum (2010) propõem que uma das formas de violência escolar é a violência simbólica, que se configura como instrumento de dominação dos detentores do poder, como a direção e os docentes. Neste contexto, dominador consegue pela palavra e convencimento aquilo que conseguiria através da força física, porém no primeiro caso economiza-se energia. Para Oliveira e Martins (2007) outra forma de violência simbólica são as discriminações, exclusões e as tentativas de manter a sala em silêncio através de atividades sem função pedagógica (como por exemplo, cópias e ditados).

Embora fique clara, a existência de violência do professor contra o aluno, a pesquisa de Souza e Ristum (2010) mostra que os docentes não se veem como agentes da violência (física ou simbólica), atribuindo-a apenas aos alunos como vítimas ou agressores. As autoras Oliveira e Ristum (2007) observam que alguns professores atribuem à família a questão da violência do dia-a-dia da escola, abstando-se de fazer algo a respeito. Silva e Ristum (2010) também observam esta responsabilidade direcionada às famílias, ou seja, em sua pesquisa os docentes remetem a violência como resultado de uma falta de educação, vinda de casa.

Silva e Ristum (2010) também corroboram com esta ideia e também observam que o docente atribui à uma instância macroestrutural a questão da violência, e desconsideram a violência que surge na instituição.

Para Silva e Ristum (2010) embora a violência escolar pertença a um ambiente restrito, isso não torna o fenômeno menos complexo, e este ambiente também gera consequências igualmente permanentes.

Segundo Oliveira e Martins (2007), a violência escolar reflete também nos professores quando lhe são impostos os projetos educativos e ações pedagógicas, projetos e ações onde o docente não é convidado a participar de sua elaboração, deste modo acabam sendo influenciados pela ideologia dominante.

Oliveira e Martins (2007) propõem que a violência tem se tornado cada vez mais severa e brutal em nossa sociedade, as autoras colocam que a maneira com que a violência é expressa indica que há a ausência da palavra, do diálogo e de uma visão crítica das vítimas e dos agressores. Neste contexto a tríade escola, família e mídia, teriam um papel fundamental na abertura deste diálogo. As autoras colocam ainda que o indivíduo, alienado do sistema, não possui o objetivo de promover uma mudança social, o que ele busca é a satisfação de seus desejos de consumo individuais e imediatos. Tanamachi e Meira (2003) apresentam a necessidade da sala de aula de assegurar a aprendizagem do pensamento crítico e da escola como contribuidora no processo de transformação da sociedade através de: uma educação das consciências; rompimento com o senso-comum para que assim se possa superar o estado estabelecido das coisas, indignando-se com a realidade; reestabelecer a autonomia, liberdade e consciência dos sujeitos para romper com a consciência domesticada; e a conscientização dos mecanismos subjetivos de dominação, de modo a tornar a submissão insuportável e a busca de uma vida melhor.

2.2 A atuação docente frente às violências cometidas no contexto escolar

É plausível que o docente procure ser o porta-voz de seus alunos e promova o estabelecimento de uma relação afetiva e calma com estes, principalmente em situações mais conflituosas. A ação do docente diante da violência escolar foi objeto de estudo de Pigatto (2010), este elencou a importância do diálogo, do respeito e da confiança nas relações interpessoais estabelecidas na escola.

Para tanto, de acordo com Pigatto (2010), é de suma importância que o docente promova a emancipação dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem e elenque em sala de aula a questão da cidadania, dos direitos e dos valores, de forma com que os discentes percebam que a violência, seja ela física ou psicológica, não é a forma mais satisfatória de resolver os problemas. De acordo com Macedo (2002), é importante estimular a autonomia da criança para que esta possa construir seu esquema de representações e tenha clareza de suas possibilidades.

Considerando o âmbito escolar como parte de relações que são estabelecidas a nível micro e macrossocial, a violência também deve ser vista como resultado do descaso das políticas públicas, considerando a precariedade dos recursos oferecidos e a desvalorização dos profissionais que a compõem. Paulo Freire elenca essa questão de forma primorosa e coesa em seu livro sobre a Pedagogia da Autonomia (1996): “Como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, à mesa, às paredes se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública?”. A depredação da instituição pública estende-se para a superficialidade das relações e posteriormente, às atitudes violentas em relação ao docente, aos colegas e aos demais funcionários presentes na escola.

Segundo Charlot (2002, p. 436 apud PIGATO, 2010) a violência só ocorre na escola quando há falta de diálogo, pois os conflitos devem ser compreendidos simbolicamente e não fisicamente, a partir do momento que estas interações não são compreendidas, a agressividade e a brutalidade tornam-se presentes neste ambiente. Com base nisso, é importante que a escola estabeleça a discussão com os discentes acerca da criminalidade e das agressões, de forma com que estes tenham um posicionamento reflexivo e crítico sobre suas ações. Então, é evidente que a

participação do professor na elaboração do projeto pedagógico da escola é imprescindível, pois este transita e dialoga com os discentes e tem uma percepção mais extensa de suas ações.

Acerca do currículo escolar, Pigatto (2010) aponta que este deve ser elaborado com mais flexibilidade e com um embasamento de acordo com as demandas da comunidade escolar, porém na prática, ocorre a concretização de um currículo que dissemina a ideologia de uma classe mais dominante. Dessa forma, o debate sobre as questões que concernem à cidadania e direitos humanos tem sido negligenciado e substituído por um ensino mais tecnicista e bancário.

Em decorrência desta falta de diálogo é estabelecida a omissão, a reprodução de preconceitos e discriminações que podem ser geradores de certos tipos de violências. Diniz (2011) discorre sobre a questão da violência em relação aos estudantes LGBTTT e critica a ausência do debate e a omissão deste tema no currículo escolar. Tanto os livros escolares quanto os próprios professores da instituição reproduzem apenas a heteronormatividade, norma universal, no qual, todos deveriam se adaptar. Dessa forma, uma instituição que deveria ser um espaço mais humano, aberto para o diálogo em relação à sexualidade e as questões de gênero, produz e reproduz formas de violências opressoras que acarretam em marcas profundas na vida dos estudantes.

Os docentes, por meio da omissão do diálogo sobre o tema LGBTTT e a aceitação do currículo heteronormativo, têm causado o assassinato de muitas minorias sexuais no Brasil, ou seja, “são sutis amoladores de navalha diplomados e especializados”.

A instituição escolar e os membros que a compõem devem estar atentos para o fortalecimento de relações coletivas que são reforçadas no trabalho grupal, dessa forma, os discentes estabelecerão relações mais humanas e a escola será beneficiada com essas ações. Então, para que isto ocorra, é importante que o professor tenha bom-senso e se posicione criticamente frente a toda forma de exclusão e violência.

2.3 O impacto da violência psicológica no cotidiano escolar produzindo marcas na singularidade do sujeito

A violência psicológica está constantemente presente no meio escolar, e é um fator preocupante para o desenvolvimento dos sujeitos. Podemos considerar a história da criança sendo formada por ela, pelos outros e pelas relações que se estabelecem em seu cotidiano. No contexto escolar, quando o aluno é levado a acreditar que não tem capacidade para aprender, isso se consolida, e torna-se uma condição.

Ferraz e Ristum (2012) realizaram um estudo – com base na tese de doutorado de Rita de Cássia Souza Nascimento (2011) “Entre xingamentos e rejeições: um estudo da violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem” – sobre a violência psicológica contra alunos de ensino fundamental, diagnosticados com dificuldade de aprendizagem. Basearam-se na hipótese de que se a violência psicológica está instaurada nas relações sociais, então ela terá um papel importante na constituição da criança que participa dessas relações. Com isso, as autoras constataam que, no meio escolar, as crianças que são classificadas como portadoras de dificuldade de aprendizagem podem sofrer violência psicológica por parte dos professores, que tendem a depreciar a criança, desacreditando de suas capacidades e não oferecendo oportunidades para que essa barreira seja rompida.

Esse tipo de violência pode ser considerado o mais cruel, pois é invisível e apenas quem “vê” e sente é quem sofre, pelo medo, ansiedade e terror. A violência psicológica pode causar grandes prejuízos para o desenvolvimento infantil, influenciando nos pensamentos intrapessoais, na saúde emocional, em habilidades sociais, na aprendizagem e na saúde física. Em complemento, pode-se dizer que as relações sociais da criança são afetadas por uma distorção do processo de constituição eu-outro. Além disso, em um contexto escolar, a violência psicológica gerando medo, ansiedade e tensão na criança, também leva a um prejuízo de seu desenvolvimento e desempenho escolar (GAGNÉ, 2001 apud FERRAZ; RISTUM, 2012). Rego (2002) aponta que nos relatos colhidos em sua pesquisa, fica claro que o desempenho escolar está profundamente associado a diversos fatores e que as configurações individuais são

complexas, dinâmicas e únicas e não obedecem a uma lógica de causa e efeito. Ao contrário, os acontecimentos, incidentes vividos pelo sujeito podem desencadear arranjos muito particulares, podendo gerar sofrimento futuro.

Como relatado acima, a violência psicológica é invisível, o que causa maior sofrimento a quem é violentado, pois não é fácil de ser identificada. Ferraz & Ristum (2012) destacam o fato de este tipo de violência ser mais facilmente identificado pelos danos que produz do que pela forma como é praticada. Um fato terrível, visto que se não é passível de ser identificada facilmente, só será descoberta quando a dor de quem sofre for insuportável. A criança que sofre violência psicológica em casa ou na escola, passa a realizar as atividades escolares com tristeza, apenas cumprindo um dever que é obrigada a realizar. Com isso, as crianças passam a encarar o ambiente escolar como hostil e de difícil convivência, o que pode gerar a evasão escolar. Demonstrando também as consequências destes fatores, podemos citar que na pesquisa de Njaine e Minayo (2003), os alunos relataram que a agressão verbal por parte dos professores (somada a outros fatores) pode ser um fator desencadeante da violência escolar, bem como as atitudes distantes e autoritárias dos professores obstruem o diálogo com os alunos e impede a verdadeira orientação.

Ao encarar a escola como um meio hostil e de sofrimento constante, o sujeito passa a atribuir um sentido negativo a este local, podendo deixar marcas na singularidade do sujeito. Isso se deve ao fato de que, como constatado por Rego (2002), a escola não influencia apenas os aspectos cognitivos de cada um, mas também os planos social, cultural, emocional e motor.

Quando ocorre de os professores falarem que certo aluno ou certa classe não aprende, não “vai pra frente”, eles tendem a realizar avaliações e mediações pedagógicas que venham cumprir com este papel de reprovar o aluno, para que a sua previsão esteja correta, é a chamada “profecia auto realizadora”.

Ao mencionar o conceito de violência simbólica desenvolvido por Bordieu, Ferraz e Ristum (2012) descrevem que a violência psicológica torna-se simbólica quando a criança torna legítimo aquilo que dizem sobre ela ou as ações que são praticadas em relação a ela, ou seja, aceita como verdadeiros os xingamentos e as imposições de incapacidade, burrice, etc. e passa a

agir desta forma, sem notar que se trata de violência. Neste caso, a criança pode deixar de realizar as tarefas de casa, de estudar para as avaliações e manter-se “desligada” do ambiente escolar.

Diante disso, pode surgir o questionamento sobre como as crianças assumem determinada postura diante de um xingamento ou diante de uma “profecia” estabelecida pelo professor. Para isso, devemos nos referir à perspectiva sócio-histórica de Vygotsky, que defende o fato de que o cotidiano é repleto de significados que vão sendo internalizados de acordo com as vivências de cada um em seus grupos de pertencimento e todos os ambientes que frequentam, constituindo a identidade e a visão de mundo de cada um. Por isso, quando uma criança faz parte de um ambiente hostil, com constantes referências a ela como uma pessoa incapaz, inútil, desvalorizada, é esperado que ela internalize isso e atribua a ela esta visão deturpada de si, causando a baixa estima, a timidez, a revolta, entre outras. Vale destacar que a violência psicológica é capaz de deixar marcas profundas por toda a vida, podendo gerar grandes impactos na vida do sujeito. Rego (2002) realizou um estudo sobre as memórias da escola, utilizando o método de relatos auto-biográficos, concluindo que a escola contribui para a constituição da singularidade do sujeito, bem como todo o contexto em que a pessoa vive. A singularidade provém da subjetividade, é o que diferencia uma pessoa da outra, a partir de comportamentos manifestos e de afetos, sentimentos etc.

Ferraz e Ristum (2012) afirmam que a forma como ocorre a relação entre adultos e crianças, seja pela demonstração de afeto, pela forma como impõe a disciplina e a obediência ou pelo autoritarismo ou não, vai determinar se o desenvolvimento da criança será positivo ou negativo para sua visão de si própria. Por isso a importância de existir uma boa relação professor-aluno, sem nenhum tipo de violência, para que a criança, no meio escolar em que deveria propiciar o bom desenvolvimento através da aprendizagem, não seja prejudicada. Njaine e Minayo (2003) em seu estudo colheram depoimentos de alunos e professores de escolas públicas e particulares e puderam notar que na visão dos professores, os seus alunos apresentam comportamento agressivo, intolerante, apático e de baixa auto-estima, e justificam esse

comportamento como consequência da má relação familiar, seja pelo fato de ser composta por muitos filhos ou de os pais dedicarem pouco tempo para a educação deles, etc. Porém sabemos que esta fantasia de que a família é a grande culpada pelo não aprendizado do aluno, que habita o imaginário dos professores, não corresponde à realidade. Na verdade, o que determina se o aluno vai absorver o conhecimento ou não são as relações e as mediações pedagógicas estabelecidas em sala de aula. A forma como ocorrem essas mediações pedagógicas e essas relações no cotidiano escolar, apresentam consequências e impactos sobre o aluno e, assim, afetará o conteúdo de sua lembrança, como constatado por Rego (2002). Por isso, a mediação deve ser propícia ao desenvolvimento do aluno, e não pode ser repressora. O conhecimento deve ser construído pelo professor e pelo aluno. Além disso, o professor também tem influência sobre o aluno, sendo capaz de facilitar ou destruir seu desenvolvimento e deixar marcas profundas no desempenho escolar de cada um.

O estudo realizado por Ferraz e Ristum (2012) apresentou como formas de violência psicológica do professor para com os alunos a humilhação, a rejeição quanto às dificuldades apresentadas e a indiferença. Todas elas apontam para o fato de que as crianças foram impedidas de expressar seus conhecimentos e sua subjetividade, além do que desencadeou sentimentos de inferioridade e de incapacidade. Njaine e Minayo (2003) em seu estudo também encontraram a humilhação como forma de violência mais sofrida pelos alunos no meio escolar. Porém, junto a isso foi revelado que os jovens que se queixaram de serem humilhados na família, na escola e em sua comunidade, também disseram agir da mesma forma com seus semelhantes, reproduzindo este comportamento. O que não é de se surpreender, considerando que se é isso o que eles aprendem, tendem a reproduzir, pois internalizam este comportamento como sendo correto.

Tendo visualizado estes aspectos da violência psicológica, devemos destacar que a escolarização assume extrema importância na constituição da singularidade do sujeito, por isso as relações e mediações estabelecidas no ambiente escolar devem ser saudáveis, atentas às necessidades do aluno, para que ele possa atingir e desenvolver suas potencialidades mais elaboradas.

2.4 O bullying e o papel do psicólogo escolar

De acordo com Freire e Aires (2012), o bullying designa os atos agressivos, antissociais e repetitivos que ocorrem no contexto social, principalmente entre os estudantes. É um fenômeno que causa graves danos ao psiquismo e interfere negativamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional dos envolvidos. É de difícil identificação por acontecer longe de adultos e por não haver denúncias por parte das vítimas devido ao medo de retaliação. Qualquer tipo de intervenção ao bullying deve levar em consideração as dimensões sociais, educacionais, familiares e individuais, partindo do pressuposto de que elas vão se diferenciar dependendo do contexto em que estão inseridas.

A escola deve buscar alternativas para o enfrentamento e prevenção do bullying. Com isso, Freire e Aires (2012), falam da importância do psicólogo escolar, que inserido no ambiente escolar, participando desse cotidiano, deve analisar a instituição, considerando o meio no qual se encontra, as relações interpessoais que geram conflitos, identificando as necessidades e possibilidades de aperfeiçoamento dessas relações para o enfrentamento do bullying. O psicólogo deve ajudar a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Ele deve ser um agente de mudanças, verificando conflitos, promovendo reflexões, conscientizando professores e alunos, e criando um ambiente de confiança e respeito mútuo.

O envolvimento dos alunos nas questões escolares para Freire e Aires (2012), também é essencial, pois ao perceber que os professores e os gestores estão valorizando suas opiniões, os alunos começam a estabelecer uma relação de respeito não só pelas regras, como também por todas as pessoas desse ambiente, fortalecendo os vínculos interpessoais.

2.5 Representações da violência escolar

Loureiro e Queiroz (2005) relatam em seu artigo, o destaque do tema da violência escolar sempre associado com a rede pública de ensino. Ao entrevistarem funcionários e alunos de uma rede privada de ensino, perguntando sobre violência escolar, estes relataram apenas a ocorrência

de agressão verbal. Estes entrevistados acreditam que as práticas educativas e o modo de relacionamento interpessoal dentro da escola particular são mais “saudáveis” e “inibidores” da violência. A maioria dos entrevistados apontou a “família desestruturada” como a principal causa de violência na escola, e que a escola seria apenas o lugar onde esses conflitos internalizados pelos alunos eclodiriam.

Patto (1992), fala sobre a representação pejorativa dos pobres, como a carência cultural, que afirma que o ambiente familiar na pobreza é deficiente de estímulos sensoriais, verbais e contatos afetivos entre pais e filhos, havendo falta de interesse dos adultos pelo destino das crianças. Tal patologização das crianças pobres se torna conveniente para dispensar a escola de sua responsabilidade na vida desses alunos.

Ainda no artigo de Loureiro e Queiroz (2005) percebeu-se que os educadores tem uma visão pouco crítica sobre si mesmos, pois não visualizam o próprio despreparo para o exercício da profissão ou má administração do sistema escolar como motivos para o mau rendimento dos alunos. Para eles o mau rendimento escolar está ligado à falhas do aluno ou da família. A maioria das respostas direcionou as causas da violência para fatores externos à escola.

Em muitos casos, como relata Patto (1992), a escola não também não favorece a interação dos pais com a instituição, pois os pais de alunos que são melhores aceitos pela escola, são os que mais correspondem ao imaginário dos educadores de pai/ mãe ideal (pais que não reclamam; casados legalmente; assíduos; que contribuem com a escolha de alguma forma etc.)

Araújo e outros (2012) mostram as diferenças entre a representação da violência escolar para meninos e meninas. Para elas, a violência escolar foi representada como sinônimo de assédio falta de educação e de respeito com o outro, etc.; comportamentos que levam à sentimentos de ódio, dor e lamento. Já para eles, violência escolar estava nas ações de roubar, matar, chutar, falar palavrão e bater; atos que podem levar à suspensão. Essas representações tão diferentes, de acordo com os autores, se deve ao fato da sociedade designar papéis diferenciados para meninos e meninas, o que colabora para posicionamentos ideológicos e práticos diferenciados entre eles.

De acordo com Loureiro e Queiroz (2005), a violência pode emergir em todos os ambientes em que o conflito não é negociado e onde há intolerância ao diferente, portanto, tanto a escola pública quanto a particular são possíveis geradoras de violência, apesar de apresentarem realidades distintas, quanto à estrutura material da escola e à classe social de sua clientela. A violência na escola pode representar a ausência de um sentimento de identidade e de pertencimento do aluno. A escola pode produzir violência quando falha na sua tarefa de fornecer para os alunos um contexto social significativo. Se o ambiente da escola é percebido como hostil e ameaçador, os alunos podem responder com uma série de comportamentos violentos. Por isso é importante que a escola promova um espaço para que os professores, alunos e demais profissionais possam dialogar, trocar experiências e desenvolver novos métodos de ensino e de enfrentamento das dificuldades vividas em sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao papel fundamental da escola no desenvolvimento da subjetividade do indivíduo, faz-se necessário garantir um ambiente escolar com relações e mediações saudáveis e que focalizam as necessidades do aluno, possibilitando ao indivíduo desenvolver suas potencialidades. Devido a este impacto que o ambiente escolar possui na vida dos alunos torna-se imprescindível garantir a proteção das escolas frente à violência física, psicológica e simbólica. Ou ainda há a necessidade de uma escola que não seja conducente com quaisquer tipos de violência.

A própria instituição não proporciona a independência do estudante e pior do que isso, esta reproduz a ação da memorização, a cópia e o fazer igual. De maneira geral, as crianças e os adolescentes são submetidos apenas à recepção de conhecimentos vagos, discursos retrógrados e discriminatórios que são internalizados e propagados por profissionais conservadores. Dessa forma, não ocorre a autonomia destes estudantes já que esta forma de ensino não está relacionada ao discernimento sobre as questões sociais e a reflexão sobre a ação.

O combate e prevenção à violência escolar, faz-se necessário em todas as suas instâncias, ou seja, na violência do professor contra o aluno e vice e versa, da escola aos seus alunos e funcionários, dos alunos contra a escola, da sociedade contra a escola.

A psicologia entraria neste contexto com o intuito de propor espaços para livre circulação da palavra e o diálogo. Bem como a estimulação da visão crítica de toda a escola em prol da desalienação dos sujeitos e a busca, dos mesmos, por mudanças de âmbito social e global, ao invés da busca de satisfação de seus desejos imediatos e individuais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Lidiane Silva de et al . Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. *Psico-USF*, Itatiba, v. 17, n. 2, p. 243-255, Aug. 2012 .
- CARDIA, N. A violência urbana e a escola. *Contemp. Educ.*, v.2, n.2, p. 26-99, 1997.
- DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educ. rev.*, Curitiba , n. 39, p. 39-50, Apr. 2011.
- FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; RISTUM, Marilena. A violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 34, p. 104-126, jun. 2012.
- FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 55-60, Jun. 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Ano da Publicação Original: 1996. Ano da Digitalização: 2002.
- GAGNÉ, M-H. Les pratiques parentales psychologiquement violentes. Une menace à la santé mentale [Psychologically violent parental practices: A threat to children's mental health]. *Revue Canadienne de santé mentale communautaire*, 20, p.75-106, 2001.
- LOUREIRO, Ana Carla Amorim Moura; QUEIROZ, Sávio Silveira de. A concepção de violência segundo atores do cotidiano de uma escola particular: uma análise psicológica. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 25, n. 4, p. 546-557, 2005 .

MACEDO, Lino de. A Questão da Inteligência: todos podem aprender? In: OLIVEIRA, Marta Kohl de; SOUZA, Denise Trento; REGO, Teresa Cristina (Org.) *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo, SP: Moderna, 2002. p.117-134.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. Violência na escolar: identificando pistas para a prevenção. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v.7, n.13, p.119-34, 2003.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 90-98, 2007.

PATTO, Maria Helena Souza. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia –USP*, 3, nº ½, p. 107-121, 1992.

PIGATTO, Naime. A docência e a violência estudantil no contexto atual. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 303-324, jun. 2010.

REGO, T. C. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Org.). *Psicologia, educação e temáticas da vida contemporânea*. São Paulo, SP: Moderna, 2003.

SILVA, Joelma Oliveira da; RISTUM, Marilena. A violência escolar no contexto de privação de liberdade. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 232-247, 2010.

SOUZA, Liliane Viana de; RISTUM, Marilena. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 377-385, 2005.

TANAMACHI, Elenita de Rício; MEIRA, Maria Eugenia Melillo. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação. In: MEIRA, M. E; ANTUNES, M. A. (Org.). *Psicologia escolar: práticas críticas*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2003. p. 11-62.